

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

**POR UMA HISTÓRIA DAS “GENTES INVISIBILIZADAS”: MEMÓRIAS E
TRAJETÓRIAS DE NORTINO E ZÉ MARIA, PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA
NA CIDADE DE PARINTINS**

Acadêmica: Milena Brasil da Silva*

Orientador: Arcângelo da Silva Ferreira**

RESUMO: Este trabalho de conclusão de curso discorre sobre memórias e trajetórias históricas de pessoas que estão em situação de rua, através de entrevistas gravadas e transcritas, refletindo e respeitando sua fala, na tentativa de quebrar estereótipos que muitas das vezes marcam a vida dessas pessoas que se encontram nas ruas devido às suas precárias condições socioeconômicas. Como resultado buscamos elaborar uma breve narrativa por meio do uso da história oral, elucidando a historicidade de sujeitos que aqui denominamos de “Gentes Invisibilizadas”: Nortino e Zé Maria, pessoas em situação de rua na cidade de Parintins, gente essa que se encontra em um grupo excluído, mas que é abordado no campo da História Social.

PALAVRAS-CHAVE: Pessoas em situação de rua; trajetórias; pobreza; vulnerabilidade; invisibilizados.

INTRODUÇÃO

Historicamente, no Brasil, há uma discussão acerca das transições que ocorreram desde o período colonial, imperial à chegada da República sobre a questão do surgimento das pessoas em situação de rua que tem como possível causa do avanço a urbanização e a industrialização. Diante desse contexto, uma camada popular da sociedade passa a ser marginalizada. Evento histórico efetivamente tematizado em diversos textos sugestivos elucidativos acerca da pobreza, da questão sanitária, política, econômica e outros aspectos presentes desde então na realidade brasileira. Esses discursos também se referem aos períodos relativos ao capitalismo industrial

* Acadêmica em Licenciatura em História pelo Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

** Doutor em História Social da Amazônia (UFPA); Professor do Curso de História no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

e, conseqüentemente à urbanização. Quando tais acontecimentos iria provocar o aumento da população nas grandes cidades, expansão econômica informal e a pobreza. No processo da urbanização, encontramos as camadas mais vulneráveis que se aglomeram em cortiços, favelas, periferias e nas ruas, com rótulos de “classe perigosa”. Assim, a rua se tornou um espaço de socialização, onde quem vive nela é taxado de viciado, delinquente e espalhador de desordem, sendo vadios sem ocupação; mas quem os rotulou dessa forma foram as pessoas da elite (VALLADARES, 1991).

Tal processo histórico relaciona-se com questões sociais ocorridos nas mais diversas cidades do Brasil e estados que atingem até mesmo o Amazonas e suas cidades. Neste artigo, elucidaremos alguns aspectos da cidade de Parintins, distante a 370 quilômetros da capital Manaus, localizada no baixo rio Amazonas com aproximadamente 115.465 habitantes, segundo dados do IBGE (2021). Apesar de não ser um grande centro urbano e industrializado, possui a presença histórica de pessoas em situação de rua, disposição que possivelmente se dá por Parintins ser uma cidade regional que atrai pessoas continuamente que buscam novas possibilidades e oportunidades. Tais circunstâncias se aplicam às pessoas trabalhadas na história oral, pois essas são invisibilizadas pela sociedade, mas que não deixam de ser seres humanos e também possuem sentimentos, possibilitam um espaço de fala, de narração, em que, segundo Portelli (2010), tem o poder sobre o entrevistador por possuir as respostas de determinadas questões, por mais que o historiador tenha mais poder socialmente sobre o entrevistado aos olhos da sociedade

O olhar voltado às pessoas em situação de rua se dá por diversos fatos, entre eles, por conta da negligência do poder público de Parintins a essas “gentes invisibilizadas”, havendo diversos locais que se tornaram pontos desse grupo em crescimento na cidade; assim, também cresce as situações em que acabam sendo desrespeitados, silenciados e ignorados. Poucos se preocupam em escutar ou respeitam seus direitos de cidadão, pois há diversas deduções e conclusões sobre a situação em que se encontram.

Alguns questionamentos sobre esse tema, procurando fugir das precipitações, motivam este trabalho, onde se procura entender as histórias que eles carregam; assim, questões que discorrem sobre como chegaram nessa situação? Uma das motivações da pesquisa foi a busca de suas trajetórias, ouvir suas narrativas: se possuem família e se possuem, qual relação mantém com elas? Que tipo de estratégias usam para se sustentar? Os tipos de afeto que possuem por determinados locais da cidade? Dúvidas que mobilizaram a pesquisa, na busca da compreensão dos nuances de suas trajetórias através de indícios de suas memórias, reveladoras da condição, desses sujeitos de idades distintas, excluídos socialmente e ignorados, invisibilizados pelo

poder público.

1 A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: UM FATO HISTÓRICO E SOCIAL

1.1 O impacto da pobreza em trajetórias sociais: Considerações históricas e historiográficas

É possível apontar períodos históricos que passam ter impulsionado o surgimento das pessoas em situação de rua, mas vamos discorrer sobre o assunto usando um período mais atual; segundo Perrot (2017), nas sociedades industriais do século XIX, o surgimento de grupos sociais se intensificou, principalmente por meio de repressão e constrangimento, fazendo com que surgissem pessoas marginalizadas socialmente. Entretanto, dentro desse contexto é preciso perceber uma forma de resistência, adaptação e submissão.

A realidade da França rural era muito diferente da dos operários que dependiam das fábricas nas áreas urbanas, pois esses passaram por etapas que contribuíram na perspectiva redutora e o ciclo da evolução do capitalismo se sobrepõe as relações sociais de trabalho onde os dominadores são os patrões e os dominados são os trabalhadores pobres que tem a mão-de-obra explorada. Mesmo com a conjuntura de exploração no trabalho, nem todas as pessoas conseguiam trabalhar nas fábricas e o trabalho foi cada vez mais diminuído com a chegada das máquinas, deixando essas pessoas vulneráveis a situações extremas de pobreza (PERROT, 2017).

Não existem documentos historiográficos que relatam a história dos “moradores de rua no Brasil”, mas no âmbito mundial há aspectos que podem ser apontados, em meio a transição do feudalismo ao capitalismo decorrida da revolução industrial. Devido a essa mudança, muitos camponeses perdem suas propriedades e vendem sua força para a indústria; mas com a chegada das máquinas, a força bruta passa a ser descartada e consequentemente esses trabalhadores vivem nas ruas (KLAUMANN, 2016). Porém, é necessário atentar, para fugir do anacronismo, que antes da corrida capitalista da revolução industrial, a doutrina de economia do século XVII foi o mercantilismo. Devido à perda de propriedade, os camponeses vagam pelas áreas urbanas na tentativa de encontrar estratégias e modos de vida que lhes ajudassem a sobreviver. (CERQUEIRA, 2011)

Podemos delimitar o surgimento de pessoas em situação de rua a partir dessas vulnerabilidades decorrente por conta da pobreza extrema em que homens, mulheres e crianças foram expostos, vivendo nas ruas por não ter como sustentar uma moradia. Todavia, segundo

Barros, Henriques e Mendonça (2001) a pobreza não pode ser definida de forma única e universal, por mais que ela se refira a carência econômica de pessoas que não conseguem atingir um padrão de vida mínimo estabelecido pela sociedade, dependendo do contexto histórico.

A questão da desigualdade também pode ser uma justificativa que afetou e fez com que pessoas existam diretamente nas ruas. A distinção social, inclusive, afeta a mentalidade, o físico e econômico das pessoas segregadas. A diferença social surpreende tanto por sua intensidade como, sobretudo, por sua estabilidade (econômica, psicológica). Disparidade extrema que se mantém inerte, resistindo às mudanças estruturais e conjunturais das últimas décadas. Desigualdade que atravessou impassível o regime militar, governos democraticamente eleitos e incontáveis laboratórios de política econômica, além de diversas crises políticas, econômicas e internacionais (BARROS; HENRIQUES; MENDONÇA, 2001).

Desde a década de 1980, os termos e conceitos para descrever o conjunto de população que circulavam nas ruas, tornando-a moradia mesmo que de forma temporária, sofreram grandes mudanças, de vadios a mendigos, moradores de rua entre outros, até o surgimento da etimologia pessoas em situação de rua. Ao conceito “pessoas em situação de rua” é atribuído uma noção de normalidade, já que a população desabrigada, de andarilhos e necessitados, tem sido constante no mundo inteiro; entretanto, não pode ser considerados como um modo de vida e deve ser incluído nessa situação social toda a trajetória, a visão de mundo, e as práticas desses sujeitos (SCHUCH, GEHLEN 2012). De fato, podemos observar que dentro do contexto histórico, há conjunturas que fizeram com que o surgimento de pessoas em situação de rua fosse impulsionado.

As narrativas que envolvem pessoas sem casa, são constantes em diversas áreas, tanto econômica, quanto política e outros. Esse universo de pessoas em situação de rua e vulnerabilidade social gera uma sociopatia que invisibiliza seres humanos, que todos os dias estão nas ruas abalados emocionalmente e fisicamente. O processo de invisibilidade acaba afetando as relações sociais dos indivíduos que estão em situação de rua e também a sua identidade. (ALCANTARA, ABREU e FARIAS, 2015)

Alguns pesquisadores evocam de forma clara a contrariedade de ideias sobre as pessoas colocadas nessa situação social. Onde as mobilizações ocasionam as chamadas pessoas em situação de rua, ocorre a criação de novas políticas, projetos e movimentos que argumentam uma visão complexa da situação de pessoas que vivem nas ruas. Ou seja, é preciso incluí-los no processo social e histórico, afetando práticas do governo e o reconhecimento de que a rua também é um espaço de relações sociais e simbólicas que são feitas por sujeitos que exploram o mundo e seus movimentos. (SCHUCH e GEHLEN, 2012)

1.2 Pessoas em situação de rua: A Belle époque

Durante essas trajetórias históricas, percebemos que a exclusão de quem faz da rua morada ocorreu de forma constante, não sendo acolhidas e incluídas nas políticas públicas no Brasil. Antes mesmo da criação de cortiços, muitas pessoas em extrema pobreza viviam em péssimas condições sociais, sem o mínimo de higiene, fora que os mesmos eram descartados e desconsiderados como pessoas; assim, já durante o próprio período colonial e imperial haviam pessoas pobres que por não ter economia tinham que permanecer nas ruas e procurar sustentar-se nelas. “A exclusão desses marginalizados” ocorre pelo desfavorecer de indivíduos aos espaços sociais em relação a classe dominante, ficando então expostos as constantes transformações de espaços. (FORTINI e SOUZA, 2008).

De acordo com Valladares (1991), assim como nos países europeus, a questão de higiene sanitária no Brasil proporcionou condições precárias na condição de vida da população, já que os centros urbanos queriam se assemelhar com Paris ou Londres. Essa mudança causou um inferno social. Houve propagações de doenças e outros, o que acabava afetando a população que vivia em cortiços. A higiene e seus valores vão ser definidas por médicos, havendo uma preocupação não somente com a saúde básica das pessoas, mas também com a “desodorização” do espaço urbano, sendo feita a desinfecção dos espaços públicos em vista do combate necessário contra os surtos pandêmicos de forma estratégica.

A realização da saúde sanitária abriu caminho para intervenção sobre a pobreza, sendo destruídos cortiços e proibido a construção deles. Os locais de moradia se tornam locais de memórias, localizados apenas nas lembranças, e muitas pessoas ficaram sem ter moradias e vulneráveis à pobreza, classificados como indivíduos doentes, perigosos à saúde da população como um todo. Como resultado dessas políticas, as pessoas acabam tendo que formular estratégias para ficarem nas situações que as ruas proporcionam. O termo “classe perigosa” foi dado aos que ficaram vulneráveis nas ruas e aos que ainda tentavam viver em cortiços, pois para elite, eles provocavam desordem (VALLADARES, 1991). A rua, então, se tornou um espaço de guerra entre a população mais pobre e a polícia, pois quem vivia nas ruas era considerado vadio: “Quanto aos mendigos, o fato de mendigar tendo supostamente condição para trabalhar implicava na prisão” (VALLADARES, 1991, p. 87-88).

Tal questão de assemelhar os centros urbanos brasileiros às cidades europeias chegou ao estado do Amazonas, onde à cidade de Manaus centro da economia da borracha, conhecida como a Paris dos Trópicos durante o século XIX, colaborou com o pensamento do

desenvolvimento da cidade e espaço urbano. Essas transformações consideradas organização do espaço social, trouxeram junto dela um quadro enorme de miséria, principalmente devido a ideia de civilização burguesa. Diante dessa ideia foi desenvolvido uma política de pressão, e dominação de grupos de pessoas que não se enquadravam aos ideais da elite (DIAS, 2007). Manaus ficou marcada pela pobreza, doenças e pela vagabundagem que agredia o projeto de cidade limpa da burguesia, mas esse contexto urbano trouxe novas condições sociais, segurança e higiene, que segregava a pobreza, fazendo com que os cortiços surgissem a partir da destruição das casas de palhas, madeiras e outros. (DIAS, 2007)

Mas a partir do final da década de 1980, durante o processo de redemocratização, o país adota políticas de assistência social, e a realidade dos desamparados começa a mudar, principalmente por conta dos artigos 5 e 6 da Constituição Federal que determina igualdade perante a lei e direitos sociais (BRASIL, 1988). Já no início do século XXI, as políticas de proteção social e especial ao atendimento das pessoas em situação de rua começam a surgir, sendo possível discutir meios de políticas públicas voltadas a população que vive nas ruas (KLAUMANN, 2016). Mesmo com essas mudanças, permanecem a forma de tratamento indiferente e anulação dos direitos das pessoas em situação de rua, assim como o desprezo e o silenciamento dos mesmos.

1.3 Os indivíduos que foram historicamente colocados na situação de ruas

Por já termos discorrido sobre pontos e modo de vida de indivíduos que moram nas ruas, nessa sessão podemos finalmente conhecer quem eram os sujeitos que se encontravam nessa situação. Há uma discussão entre os historiadores sobre a transição da nova ordem e o advento da República que analisa condições de vida e de trabalho, sendo impulsionada pela industrialização que deixa mais vulnerável uma camada de população rotulada como marginalizada, o surgimento de grandes cidades gera exclusão de pessoas pobres que acabam morando nas ruas. Entre esses grupos, podemos destacar as pessoas negras, e os imigrantes estrangeiros que foram segregados durante o século XIX. Esses sujeitos históricos compuseram, historicamente a pobreza urbana, encarada como maior problema da elite nacional. (VALLADARES, 1991). É preciso destacar que na história tais períodos citados anteriormente se contradizem pelo fato de que durante o século XIX ao XX as pessoas escravizadas se encontravam sim em situação de vulnerabilidade social, mas isso ocorria desde o período colonial, muito antes do período abordado, tendo destaque também todas as pessoas vulneráveis a pobreza, até mesmo os brancos pobres se encontravam totalmente desprovidos

de condições socioeconômicas. E mesmo com todas essas pessoas em situação de vulnerabilidade social, as mesmas jamais serão encaradas como um problema pela elite pois é justamente explorando esses grupos que eles conseguem mão-de-obra barata.

Em Manaus, as pessoas que se encontravam em situações vulneráveis nos séculos XVII E XIX eram pessoas inclusas em grupos pobres, como os indígenas que sofreram um processo para serem urbanizados para o trabalho, os trabalhadores do porto e outros grupos expostos a pobreza, esses grupos faziam denúncias para pedir por soluções de necessidades básica. Sem qualificação e nível educacional uma imagem estereotipada foi criada para defini-los, essas pessoas, desenvolveram uma trajetória de organização onde reivindicaram lutas que não podem ser reduzidas. (DIAS, 2007). As pessoas que se encontram em situação de rua enfrentaram diversas trajetórias, as quais se manifestam em práticas ou apropriação de espaços, dependendo dos grupos em que se sentem pertencidos, fazendo parte das ruas; porém, elas acabam ouvindo coisas como “pé inchado”, “dorme-sujo”, “noia”, “cheira-cola” e outros diversos adjetivos que os anulando, perdendo, às vezes, o direito de ser cidadão. Para desconstruir as nomenclaturas criadas para denominar os indivíduos, foi necessário esquecer o termo “moradores-de-rua”, porque ninguém mora na rua, e sim, se encontram nessa situação. Esses têm nome, histórias, trajetórias, sentem orgulho, medo e dor (MARTINS, ALBUQUERQUE, 2021a).

É preciso desconstruir a ideia de que esses indivíduos não são pessoas, não tem direitos e nem lugar de fala, já que historicamente, foram negativamente julgados e adjetivados. As pessoas em situação de rua têm direitos e são iguais a todas as pessoas, pois não deixam de ter sentimentos e trajetórias. Essa ampliação de visão é necessária para humanizar os conceitos sobre si construídos ao longo dos momentos históricos. Podemos perceber que as pessoas em situação de rua são definidas a partir de sua pobreza, pela quebra de vínculos familiares ou inexistência de moradia, mas são também caracterizadas pela utilização de casas de acolhimentos ou casas temporárias, dependendo de instituições e abrigos (SCHUCH, e GEHLEN, 2012).

2 A IMPORTÂNCIA EM OUVIR AS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

2.1 Os possíveis fatores históricos que levam às pessoas à situação de rua

É preciso analisar as trajetórias e as interpretações subjetivas e objetivas dos caminhos percorridos, dos achados e das peculiaridades das pessoas em situação de rua (MARTINS, ALBUQUERQUE, 2021a). No ouvir os sujeitos que fazem da rua seu local de referência, é possível compreender as causas que os fazem parar nesses locais, através de muitos fatores que

contribuem para que esses indivíduos sejam colocados ou se coloquem nessa situação, sendo marginalizados e excluídos da participação social. Entre as causas, contam: experiências de violência, problemas de saúde, vícios em drogas lícitas ou ilícitas, e também o desemprego. Nesse último caso, chegam em uma cidade onde anseiam por uma melhor condição de vida através de ofertas de trabalho, as vezes sem terem êxito em seus sonhos e por não terem como voltar para onde são oriundos são obrigados a ficar nas ruas e depender da sorte ou boa vontade das pessoas em ajudar (ABREU; SALVADORI, 2015).

Há uma grande ruptura em relação a casa, família, trabalho, que atingem pessoas que levavam a vida “normalmente”, muitas das vezes as pessoas em situação de rua acabam sendo o “não ser e o nem estar” (ABREU; SALVADORI, 2015). Faz-se necessário questionar às pessoas em situação de rua essas questões, pois quando apenas são deduzidas, acabam silenciando-as, pois cada uma delas tem uma história de como chegou nessa situação, como chegou na cidade, como escolheu o lugar que mais tem afeto, e quais são as maiores dificuldades que enfrentam estando nesse lugar.

3 CAMINHOS DA PESQUISA

3.1 Processos metodológicos para chegar ao outro

Para apresentarmos as trajetórias vividas por pessoas que estão em situação de rua, foi preciso percebê-las e encontra-las em seus espaços de afeto, foi preciso oferecer condições de possibilidade para emitirem suas vozes, lhes dando a atenção devida. Na tentativa de conhecer melhor o outro, em nossa pesquisa, trouxemos algumas questões a duas pessoas em situação de rua. Apresentamos a elas o documento de permissão para uso de relato e entrevista, mas ambas são analfabetas e não puderam assinar, porém, em áudio, permitiram o uso da gravação e transcrição da entrevista.

A pesquisa é de natureza qualitativa, descritiva e bibliográfica; já a entrevista foi não estruturada, porém, focalizada. E ao ser realizada envolveu algumas questões necessárias para se discutir e compreender o modo de vida dos sujeitos invisibilizados. As questões não estruturadas estavam em torno de ouvir as trajetórias, em saber como a pessoa chegou às ruas de Parintins, se há um lugar em que ela prefere estar, como ela consegue alimento, se a pandemia atrapalhou em suas vivências, se tomaram as doses de vacina para a covid-19.

Quando buscamos os entrevistados, podemos solicitar que os mesmos discorram sobre alguns aspectos do tema, por mais que sua experiência e vivência inclua os demais, ou mesmo

que alguns entrevistados tratem exclusivamente de um determinado aspecto do tema. Um roteiro por mais que voltado ao tema de uma forma geral, permite uma concordância entre diversas versões dadas por entrevistados e acaba possibilitando uma análise que pode ser mais profunda. No entanto, o fato de uma determinada questão estar inclusa no roteiro geral, não significa que será tratada da mesma forma por todos os depoentes, mas permitirá versões diferentes para comparação. A entrevista será sempre uma ponte de relação entre entrevistador e entrevistado (ALBERTI, 2004). Ainda segundo Alberti (2004), a escolha do entrevistado fundamenta uma face que permite que o entrevistado possa não se apreender pelos critérios do pesquisador antes de iniciar a pesquisa. Foram realizadas duas entrevistas para comparações e entendimento de situações diferentes que levam a rua, para isso foi preciso reformular um roteiro que abordasse o tema geral, mas que se aplicasse de uma forma individual. Contudo, o roteiro para ser a base da entrevista, ficou à mercê do aceite do entrevistado que dá a condição de um roteiro individual (ALBERTI, 2004).

O primeiro entrevistado identificou-se apenas como Nortino, mas durante a abordagem antes da entrevista nos informou que também conhecido como “Bodó” por outras pessoas que estão em situação de rua. Durante a discussão ele será identificado como Seu Nortino; já o segundo entrevistado, que se chama José Maria Batalha de Oliveira, será identificado como Seu Zé Maria. Nessa perspectiva, compreendemos que:

Pensar em histórias como toda experiência humana entendida sempre como experiência de classe que é de luta e valorizar a natureza política dessa luta, significa considerar que a história real é construída por homens reais (...) Pensar a produção do conhecimento histórico não como aquele que tem implicações apenas com o saber erudito, com a escolha de um método, com o desenvolvimento de técnicas, mas como aquele que é capaz de aprender e incorporar essa experiência vivida é fazer retornar homens e mulheres não como sujeitos passivos e individualizados, mas como pessoas que vivem relações e situações sociais determinadas como necessidades e interesses e com antagonismo. (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 1998, p. 17)

Estudar o cotidiano e situações sociais, incorpora tensões sociais e a reconstrução de sobrevivências e estratégias de grupos marginalizados. Sendo necessário no campo histórico, moldar técnicas capazes de absorver essas experiências sociais para que se possa explicar os mecanismos de relações dos homens, tanto social, quanto política, econômica e cultural. Vieira, Peixoto e Khoury (1998) afirmam que colocar problemas teóricos, repensando as relações da história, busca o desenvolvimento de práticas como análises de discursos, depoimentos, imagens, sons.

3.2 As dificuldades de contato com as pessoas em situação de rua

O processo de realização de entrevistas ocorreu durante o período de 04 de abril a 27 de abril de 2022. Durante esse tempo, buscamos visualizar onde poderia ser encontrado grupos de pessoas que estão em situação de rua, tendo em visto formular uma melhor abordagem. No entanto, os locais onde eles se encontravam, em grupos com número de quatro a seis indivíduos, estava sempre ocupado com essas pessoas fazendo fogueira a noite com muitas conversas e camelinho¹; por isso, normalmente muitos já estavam bêbados ou começando a não compreender suas próprias falas. Pela parte da tarde, os mesmos grupos se reuniam para deitar e dormir em bancos ou beber; pela parte da manhã, esses grupos se encontravam debandados ou dormindo em um único banco de praça na área do centro.

Reconhecendo as orientações de Alberti (2004), os entrevistadores se encarregam desse primeiro contato com os entrevistados, onde se necessário cabe surgir uma conversa preliminar, mas principalmente deve ser obtido um acordo de pesquisa por meio de telefone, carta ou e-mail. Nesse sentido, a tentativa de contato coletivo foi falha por conta desse desencontro causado pela sobriedade; então a estratégia de entrevista teve que ser alterada. O intuito era fazê-las de forma coletiva, agrupando o máximo de pessoas possível; contudo, por não ter dado certo, a segunda ideia foi utilizar da entrevista individual.

Encontrar uma pessoa que vive em condição de rua que não estivesse em grupo e estivesse disponível para a entrevista foi uma tarefa muito difícil. A primeira tentativa de entrevista individual que conseguimos abordar positivamente foi no dia 22 de abril de 2022, por meio de uma conversa, onde foi explicado o intuito da entrevista e em que seria usado. No horário de meio-dia, Seu Nortino foi encontrado andando com uma sacola de fibra nas costas cheia de garrafas e latas, uma roupa bem desgastada com alguns buracos e sandália emborrachada na mesma situação das roupas próximo ao hospital Jofre Cohen, na rua Herbert de Azevedo. Alberti (2004, p. 87), afirma: “No primeiro contato com o entrevistado, cabe ao pesquisador explicar o trabalho do programa e o método empregado na história oral, colocando o entrevistado a par dos propósitos da pesquisa.” Assim, a abordagem para a entrevista foi simples, onde paramos pra conversar, pedimos permissão para a entrevistá-lo e usar o depoimento oral, o que foi concedido e finalmente depois de alguns minutos, pediu licença para continuar as tentativas de vendas de material e se retirou.

Após esse primeiro diálogo, houve a tentativa de encontrar outras pessoas que pudessem

¹ Um tipo de bebida alcóolica.

conceder uma entrevista gravada do mesmo modo. Após dois dias de procura, no dia 25 de abril de 2022, encontramos andando na área do bairro da Francesa, um senhor que se identificou e aceitou a entrevista; porém, sentiu vergonha de estar naquela situação e acabou mudando de ideia, não aceitou a gravação e teve um pequeno surto de raiva. Pedimos desculpas a ele, ele aceitou o pedido e nos despedimos em paz. Em 26 de abril, novamente saímos às ruas em busca de entrevista nas áreas periféricas da cidade como Paulo Corrêa e Itaúna II, mas sem sucesso, repensando em sair para tentar entrevistar outra pessoa no dia seguinte.

Nessa nova busca, encontramos, sozinho em um banco longe do grupo que se reunia em outro quarteirão da rua Armando Prado, o senhor José Maria, de 50 anos de idade. Sua entrevista tem durabilidade mais curta do que a primeira, porém aborda as mesmas questões. Também nesse contato com seu Zé Maria, as devidas abordagens ocorreram da mesma forma em que foi feito a primeira entrevista, através de conversas, pedido de permissão para uso do áudio gravado e explicação de uso. Ambos entrevistados não assinaram o documento de permissão de relato por não saberem escrever. Foi possível relacionar as situações com a obra de Wilson Nogueira através do romance *O Andaluz*² que faz uma releitura sobre cidades, entre elas Parintins, através das falas dos loucos (pessoas em situação de rua) tratados na obra. O romance quebra visões eurocêntrica e relata aquilo que cada pessoa quer abordar e imagina sobre determinado local sem ela ao menos ter estado nele. Diante das realidades de trajetórias encontradas, podemos defini-los da mesma forma em que Nogueira (2021, p. 9) retrata um dos seus personagens: “Este homem, dizem por aqui, é um mendigo. Um louco. Aliás, aqui loucos e mendigos são bem numerosos para o tamanho do lugar. Perambulam maltrapilhos e sujos pelas ruas e praças.”

3.3 Trajetória histórica e memória do outro

Ao longo das entrevistas percebemos trajetórias diferentes que levaram os dois entrevistados a estarem nas ruas, lembrando inclusive de trechos das histórias dos “loucos” descritos por Nogueira (2021, p. 10): “Dezenas de histórias são atribuída a existência desse louco”. Permitir que as pessoas que vivem em situação de rua estejam em um lugar de fala proporciona depoimentos que fazem os invisibilizados narrarem suas memórias e histórias de

² Romance ambientado na cidade de Parintins, publicado originalmente no ano de 2021, cujo o enredo gira em torno de personagens que representam pessoas em situação de rua, fazendo alusão à sujeitos históricos, os quais nos anos de 1980 foram considerados loucos pela ordem social vigente naquela conjuntura histórica. Sujeito histórico, por tanto, porém, até o momento invisibilizados pela Historiografia acerca da História de Parintins.

vida, disponibilizando seus relatos como fontes orais, já que são os sujeitos que devem ser escutados e visibilizados nesse trabalho de conclusão de curso. É visível que um dos entrevistados que veio do interior com sua família, por ter perdido seus parentes acabou encontrando nas ruas um modo de sobreviver. Em um trecho de sua entrevista ele diz:

Eu tô por aqui porque meu pessoal que me trouxeram, né? De lá pra cá. Aí a gente não ficar sozinho pra lá, né? Aqui nós tem casa, nós tem terreno tudinho, nós tem onde morar. Mas aqui já se acabaram tudo, né? (...) Eu com toda família aqui nós tamo com quatorze anos e aí quando inteirou um ano, aí foi adoecendo todinho, pai, mãe, irmão, irmã... agora já foram, ó, se acabando. (Seu Nortino, 2022)

Muitas das vezes acreditamos que é preciso dar voz aos excluídos, o que é totalmente contraditório, pois os excluídos e marginalizados têm voz, porém não há quem possa ouvi-los. O papel do historiador é recolher essa voz, levá-la a público e amplifica-la em um espaço limitado, por mais que esse seja um trabalho político, já que tem a ver com o direito básico de falar e ouvir (PORTELLI, 2010). As entrevistas com seu Nortino e seu José Maria encontram seu lugar na história oral, sendo é possível reconhecer o historiador e os narradores que compartilham um diálogo com os entrevistadores, em meio as narrativas desses, onde também acabamos descobrindo nossos sentimentos em meio às situações pelas quais passaram.

Há duas agendas que se encontram: a agenda do historiador, que tem perguntas, algumas coisas que queremos saber; e a agenda do entrevistado, que aproveita a presença do historiador para contar as histórias que quer contar, as quais não são necessariamente as histórias que buscamos. E talvez, amiúde, são mais interessantes do que as histórias que buscamos. (PORTELLI, 2010, p. 4).

Antes mesmo de iniciar as questões, se faz preciso, principalmente quando se prepara uma entrevista que aborda uma história de vida e a trajetória do sujeito, ouvir inicialmente sua biografia, sendo que essa será levada em consideração para um melhor resultado de realização mesmo que limitada, pois possibilita a realização da história oral (ALBERTI, 2004).

A maioria das pessoas em situação de rua da cidade de Parintins tem família, porém acabam tendo algum tipo de necessidade ou sentimento que acabam por inseri-los nesse lugar, e até mesmo sendo colocados nele. Falar em pessoas em situação de rua é não somente falar sobre matéria física, mas sim sobre a miséria humana, o apagamento de pessoas como humanas, como gente, e o silenciamento dos semelhantes (MARTINS, ALBUQUERQUE, 2021a).

No depoimento de Seu Nortino podemos perceber que o trabalho – categoria essencial para se obter um lugar em toda e qualquer sociedade – lhe dava dignidade. Tudo acabou quando ficou desempregado. Desde esse acontecimento, gradativamente, tornou-se um invisível

socialmente, um marginalizado na cidade: “Eu era gari (...) aí eu trabalhei dois anos. Foram, foram tirando o pessoal até chegar em mim, então, acabou, o que eu tinha de ganhar eu já ganhei (...) depois que saí de lá vivo ali pela berada³, senão, como que pode, né?” (Seu Nortino, 2022).

Nesse sentido, existe uma exclusão social na trajetória das pessoas em situação de rua, com diversos fenômenos que não se reduzem somente à ausência de moradia, mas também engloba vulnerabilidade e fragilização de laços familiares, perda de emprego ou vícios que os fazem viver em espaços da rua (ALCÂNTARA, ABREU, FARIAS, 2015). Perceber essas situações vividas nas falas dos entrevistados por meio de uma conversa, inclui-se nas provocações de Portelli (2010) quando o autor afirma que a entrevista não é extrair as informações, mas sim abrir um espaço para uma narração compartilhada, onde a presença do historiador dá ao entrevistado uma oportunidade de ser escutado, já que são raras as vezes que alguém para e dialoga com as mesmas.

3.4 Os locais de apego dos excluídos da cidade de Parintins

As pessoas em situação de rua criam relações com pessoas, ruas, praças, monumentos que possam se identificar, tornando-o simbólico ou local de memória afetiva (MARTINS, ALBUQUERQUE, 2021a). Na cidade enquanto foi realizada a pesquisa, foi possível identificar locais de apego principalmente como banco de praça e calçadas: “Eu durmo aqui [banco de praça], ali no seu Brawlino [calçada]... eu não vou contar pavulagem⁴ também, eu durmo em casa também.” (Seu Zé Maria, 2022). As pessoas em situação de rua possuem locais de apego, no entanto, a sociedade tenta afetá-las destruindo esses locais, pois muitas delas sentem incômodo em ter que dividir seu espaço social com as “gentes invisilizadas”.

Os grupos de pessoas em situação de rua ou um único indivíduo nessa situação possui intimidade, pertence e utilidade nessa construção de vínculos interpessoais ou grupais em seus espaços de vivência, onde geram por seus locais de apego um sentimento estável (ALCANTARA, ABREU e FARIAS, 2015). No mapa abaixo, podemos identificar os locais onde foi possível encontrar esses grupos:

³ Proximidades às beiras do rio Amazonas.

⁴ Mentira.



Fonte: google maps

reorganizador: Cleomar Tavares

Marcador 1: Porto da cidade de Parintins;

Marcador 2: Centro: Armando Prado;

Marcador 3: Francesa: Feira do Bagaço;

Marcador 4: Paulo Corrêa, rua oito e Itaúna II: rua 24 de janeiro.

Marcador 5: Orla do Bairro da União

3.5 Os subterfúgios de sustento dos invisibilizados

Durante a entrevista foi possível identificar formas de estratégias para o sustento das pessoas em situação de rua que foram entrevistadas. Normalmente fazem “bicos”⁵ para conseguir recursos financeiros, que grande parte das vezes ajuda a pagar uma marmita de comida. Como percebe-se nos depoimentos:

Seu Nortino: Rapaz, aqui...eu ainda não enfrentei nada ainda até agora. Eu trabalho, né? Trabalho todo dia, arrumo um trabalho por ali e aí vou me alimentando. Por exemplo, agora. Eu tô querendo ir pro interior, tô com esses negócios aqui [garrafas PET]... eu quero ir pro interior, isso aqui é pra tucupi lá no interior. Então eu vou levando... Olha isso aqui também [latinhas de alumínio] é pra vender também...

E1: - Latinhas?

Seu Nortino: - É, latinha. Tudo isso eu junto pra vender, pra poder não passar fome, porque senão... (Seu Nortino, 2022)

⁵ Trabalhos temporários.

As estratégias de sobrevivências usadas por essas duas pessoas variam, e ficam visíveis as mudanças quando observamos a fala do segundo entrevistado:

Eu não tenho emprego, eu tô na batalha, mana, eu... tem dia que pinta trabalho pra mim, então eu vou capinando quintal, vou fazendo a minha parte, só o que eu não quero é viver na parte... eu não quero ser mexelhão⁶. (Seu Zé Maria, 2022)

Há diversas variações de estratégias, e dependendo da necessidade ela acaba se diversificando. Muitas pessoas em situação de rua ficam restritas a espaços como passarelas, ruas, bairros ou quarteirão, sendo relacionadas diretamente a uma necessidade básica de conforto e segurança, ou seja, onde melhor se familiarizam. Supomos que seus trajetos insistem onde podem ter astúcia de lutas no local onde vivem que determina sua vida social (MARTINS; ALBUQUERQUE, 2021b).

3.6 A resistência das gentes invisíveis nas ruas de Parintins no período de pandemia covid-19

Durante as duas primeiras ondas de pandemia covid-19, o estado do Amazonas ficou em alerta vermelho com grandes números de morte⁷ por conta do contágio do vírus, muitos hospitais do estado do Amazonas não podiam atender as demandas de infectados por falta de leitos e oxigênio. Pensando nisso, uma das preocupações para nortear a entrevista foi justamente questionar como a pandemia afetou as pessoas que vivem em situação de rua em Parintins. No relato de Seu Nortino, percebemos que ele não teve tantas dificuldades durante a pandemia: “Isso aí graças a Deus eu ajeito. Eu vou por ali como eu tô por aqui agora, arrumo um trocado...” (Seu Nortino, 2022). Apreendendo sua trajetória, vinda do interior, marcado pela perda de familiares, o detrimento de seus trabalhos fixos, quando a Prefeitura Municipal de Parintins lhe demitiu, fica explícito a resistência de seu Nortino nas ruas da cidade. Assim, na tentativa de conseguir não passar fome, recorre a venda de latas de alumínio e garrafas PET.

Na segunda entrevista, a pergunta que rondava era sobre ajuda de familiares, se há essa

⁶ Ladrão.

⁷ Dados sobre a pandemia do coronavírus no estado do Amazonas podem ser encontrados nos *sites* oficiais Coronavírus – COVID-19. **Governo do Estado do Amazonas**. Disponível em: <http://coronavirus.amazonas.am.gov.br/>; Painel COVID-19 Amazonas. **Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas – Dra. Rosemary Costa Pinto**. Disponível em: <http://www.saude.am.gov.br/painel/corona/>.

ajuda e em seu depoimento oral foi dito: “Branca e mano, ajuda só do Senhor.” (Seu Zé Maria, 2022). Através deste significativo depoimento percebemos que há uma resistência das pessoas em situação de rua no que diz respeito a determinadas estratégias de sobrevivência. Assim, o essencial é se manter vivo. As “gentes invisibilizadas”, como Seu Zé Maria, nos fazem lembrar das palavras de Nogueira, acerca dos loucos, sujeitos marginalizados em diversos contextos históricos: “Constato que os loucos não são privilegiados das grandes cidades (...) estão em todo lugar porque os sãos não existem sem eles. É louco aquele que foge da padronização; e os sãos só se legitimam pela existência dos insanos.” (NOGUEIRA, 2021, p. 83). Assim como os loucos do romance do referido prosador, Seu Zé Maria e Seu Nortino sobrevivem dentro de uma sociedade segregadora. Aquela que coloca os desvalidos à margem e os abastados ao centro, físico e social, da sociedade parintinense.

Quando houve o questionamento sobre a vacinação dos entrevistados, ambos negaram que tomaram a vacina da covid-19, e confirmam não terem sido afetados pelo vírus. Durante a primeira entrevista houve uma pergunta em relação a ter contraído covid-19 e nesse trecho a resposta fica clara:

Ainda não, graças a Deus que não aconteceu comigo. Agora negócio de febre já aconteceu comigo, mas essas coisas não, nem gripe e nem nada (...). Eu já tomei uma vacina uma vez, por causa de febre de malária que eu peguei, só tomei essa vacina e fiquei melhor graças a Deus e graças a Deus que eu ainda tô ainda na batalha. (Seu Nortino, 2022).

Seguindo a entrevista e os relatos, é notório que ambos entrevistados não foram vacinados contra a covid-19, mesmo que durante a vacinação tenha ocorrido uma campanha de vacinação em pessoas que passam os dias nos bancos e calçadas da cidade de Parintins. Porém seu Nortino justificou que só não tomou as doses de vacina porque não se sentiu doente igual como ficou quando contraiu malária e teve que ir ao posto, já seu Zé Maria não nos informou.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As trajetórias das pessoas em situação de rua são distintas e cada um deles possui uma memória de vida e sabem discorrê-las para visibilizar e validar suas falas. É necessário ouvir os silenciados, mostrando à sociedade que esses sujeitos são pessoas, possuem direitos e não podem ser excluídas ou diminuídas por se encontrarem nessa situação. Elas têm historicidade,

apesar de subsumida. Havendo então a tentativa de explicar tais situações e descasos que ocorrem em meio a sociedade, respeitando os caminhos percorridos por essas pessoas e incluindo os diferentes modos de viver dos silenciados que sobrevivem à sorte da vida ou ajuda de parentes ou pessoas que se sensibilizam com eles no decorrer de suas trilhas nas ruas da cidade de Parintins.

É preciso criar estratégias para que essas pessoas que estão em situação de rua falem sobre suas lembranças, memórias, vivências e experiências para que a sociedade evite os rótulos colocados nessas gentes e possam conhecer as diversas dificuldades que estes sujeitos históricos sofreram e sofrem, e tenham suas histórias contadas e mantidas pela história oral assim como a de Adolfo, Lalina, Mimi, Tibinga⁸ e tantos outros que não estão na História Oficial sobre a cidade de Parintins, mas residem na memória social, assim como no imaginário de poetas e prosadores da cidade.

FONTES

SEU NORTINO. Nortino, 50 anos. Profissão: catador de latinhas. Entrevista realizada em 22 de abril de 2022, por Milena Brasil da Silva e Cleomar Tavares de Oliveira Filho, na rua Herbert de Azevedo, centro de Parintins.

SEU ZÉ MARIA. José Maria Batalha de Oliveira 50 anos. Profissão: xxx. Entrevista realizada em 27 do mês de 2022, por Milena Brasil da Silva e Cleomar Tavares de Oliveira Filho, na Avenida Armando Prado, centro de Parintins.

REFERÊNCIAS

ABREU, Deidvid de; SALVADORI, Lizandra Vaz. Pessoas em Situação de Rua, Exclusão Social e Rualização: Reflexões para o serviço social. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL*, 1, 2015, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2.ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALCÂNTARA, Stefania Carneiro de; ABREU, Desirée Pereira de; FARIAS, Alessandra Araújo. Pessoas em situação de rua: das trajetórias de exclusão social aos processos

⁸ Adolfo, Lalina, Mimi e Tibinga - São personagens reais, com apelidos verídicos que viviam em situação de rua na cidade de Parintins e são relatados na obra de Wilson Nogueira (2021).

emancipatórios de formação de consciência, identidade e sentimento de pertença. **Revista Colombiana de Psicologia**, Bogotá, v. 24, n. 1, p. 129-143, 2015. DOI:10.15446/rcp.v24n1.4065.

BARROS, Ricardo Paes de; HENRIQUES, Ricardo; MENDONÇA, Rosane. **A estabilidade inaceitável: desigualdade e pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA- UFF, 2001.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Casa Civil, 1988.

CERQUEIRA, Amarantha Sá Tales de. **Evolução do Processo Social População e Situação de Rua: um estudo sobre pobreza, necessidades humanas e mínimos sociais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

DIAS, Edinea Mascarenhas. **A ilusão do Fausto**. Manaus: Editora Valer, 2007.

FORTINI, Priscila; SOUZA Cintia. **Vozes da Rua: um relato de experiência com moradores de rua**. Monografia (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. Disponível em: ibge.gov.br ; Acesso em: 18/05/2022.

KLAUMANN, Alexandre da Rocha. **Moradores de rua – um enfoque histórico e socioassistencial da população em situação de rua no Brasil: a realidade do centro pop do Rio do Sul/SC**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação, Diversidade e Rede de Proteção Social) – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, Ituporanga, SC, 2016.

MARTINS, Noélio; ALBUQUERQUE, Renan. **Baldios: os invisíveis desapossados da cidade**. Embu das Artes/SP, Manaus/AM: Alexa Cultural/EDUA, 2021a.

MARTINS, Noélio; ALBUQUERQUE, Renan. **Baldios: trajetos de dor e resistência em Manaus**. Vol II. Embu das Artes/SP, Manaus/AM: Alexa Cultural/EDUA, 2021b.

NOGUEIRA, Wilson. **O Andaluz**. Manaus: Editora Valer, 2021.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. **Mnemosine**, v. 6, n. 2, p. 2-13, 2010.

SCHUCH, Patrice; GEHLEN, Ivaldo. A situação de rua para além de determinismos: explorações conceituais. *In*: DORNELLES, Aline Espíndola; OBST, Júlia; SILVA, Marta Borba (orgs.). **A rua em movimento: debates acerca da população adulta em situação de rua na cidade de Porto Alegre**. Belo Horizonte: Didática Editora do Brasil, 2012.

VALLADARES, Lícia do Prado. Cem anos pensando a pobreza (urbana) no Brasil. *In*: BOSCHI, Renato R. (org.). **Corporativismo e desigualdade: a construção do espaço público no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

VIEIRA, Maria do Pilar; PEIXOTO, Maria do Rosário; KHOURY, Yara Aun. **A pesquisa em História**. São Paulo. Ática, 1998.